



VILA VERDE

AVENÇA

QUINZENÁRIO CATÓLICO E REGIONALISTA

VISADO PELA CENSURA

(Composição e Impressão: Escola Gráfica da Oficina de S. José — BRAGA — Telef. 22654)

PROPRIEDADE: Nossa Senhora do Alívio	DIRECTOR E EDITOR: Cónego Domingos Peixoto da Costa e Silva	REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: Padre Severino Pereira Fernandes Telef. 92123 — Residência Paroquial de Prado — Braga
---	--	---

Os problemas da Educação

O deputado Santos da Cunha

em defesa do ensino particular e dos direitos da Igreja na Assembleia Nacional

Tem sido debatido, com extraordinária repercussão, na Assembleia Nacional, o Aviso prévio do deputado dr. Nunes de Oliveira sobre os problemas da Educação. Foram focados por diversos deputados os nossos métodos de ensino, a sua divisão, a preparação do professorado, as dificuldades do ensino elementar, técnico, médio e superior

Preconiza-se a elevação da obrigatoriedade do ensino primário para seis anos, quando na Espanha, já é de oito anos. Verifica-se que a preparação dos quatro anos é insuficiente; passados poucos anos sobre essa preparação, os alunos ficam quase analfabetos.

Pede-se que o primeiro ciclo liceal e das escolas técnicas sejam ministrados junto às escolas primárias. Isso traria um descongestionamento do ensino nos Liceus e Escolas Técnicas, com um melhor aproveitamento. Para os nossos meios rurais, onde as crianças de pouca idade, inexperientes, são obrigados a deslocar-se diariamente à cidade, para receberem o ensino secundário, seria de largo alcance.

Haveria mais economia, e poderia já fazer-se uma selecção antes de entrarem nos Liceus ou Escolas Técnicas, dado que, nesses primeiros anos, se faz uma grande selecção e dar-se-ia, nos mais tenros anos, o amparo da família, mais próxima e mais vigilante. Não sairia a criança do seu meio.

Para o Concelho de Vila Verde, que já teve uma Escola Primária Superior, essa reforma, seria um benefício incalculável para o ensino. Disse-se, na Assembleia Nacional

«...Não nos iludimos, porém. O progresso nos últimos anos é extraordinário, sem dúvida; o seu ritmo é consolador, mas infelizmente de todo insuficiente e a manter-se tal qual, não apanharemos a Europa nos próximos cem anos...»

(Continua na 4.ª página)

MINISTRO DE SUA EX.ª CIA REV.ª MA
 o Senhor Arcebispo Primaz
 D. FRANCISCO MARIA DA SILVA

*Bendita seja a voz da Santa Igreja
 Que às almas a mensagem traz dos Céus.
 Bem vindo seja o Bom Pastor querido
 Que, em paz, nos vem trazer a luz de Deus*

*Refulge a cruz, sinal da nossa Esperança,
 Em peito ardente a trasbordar de Amor...
 Os olhos buscam, mais além, com ansia,
 Os que na vida sofrem luto e dor.*

*Pastor e Mestre do redil de Cristo,
 Sois Pai comum que a todos qu'reis amar.
 No coração que a Deus se consagrou
 P'ra cada filho tendes um lugar.*

*As almas agradecem o carinho
 Que à Cruz prendeu p'ra sempre os vos-
 [os laços
 Que os Anjos, em hossanas e aleluias,
 Defendam, pressurosos, vossos passos.*

*Maria, Mãe da graça e da candura,
 Por Vós nos veio a Vida, a Paz e a Luz
 Cobri de bênçãos mil o bom Pastor
 Que as almas, pela Mãe, leva a Jesus.*

CORO

*Oh! Salve, Luz do mundo, Sol da terra,
 Caminho triunfal, Verdade e Vida!
 Sois Jesus a sorrir ao Seu rebanho,
 Conduzindo-o à Terra Prometida.*

Por P.º Fernando de Sousa e Silva

"Com Deus um Mundo Novo"

O Grande Encontro da Juventude, promovido pelos jovens católicos de Portugal em Abril de 1963, nasceu das exigências de Deus e da presença desses jovens no mundo em crescimento. Foi obra de jovens cristãos, espalhados por todo o País, nas fábricas, nos campos e nos escritórios, nas escolas e nas Universidades, que unindo esforços, decidiram realizá-lo, para além de diferenças sociais e de educação, para além das instâncias e das ocupações, com um mesmo espírito e objectivos comuns.

O ponto decisivo do Encontro da Juventude não foi a reunião de Lisboa nem o elevado número de jovens presentes. Foi, sim, o ponto de partida para levar a todos os jovens uma mensagem de esperança. Despertou neles a confiança na sua capacidade própria e o desejo de oferecer um contributo válido nos aspectos em que, pela palavra ou pelo trabalho, têm o dever de estar presentes no progresso da comunidade nacional. Assim continuam empenhados num esforço de esclarecimento e estudo

dos problemas juvenis, contribuindo para a sua clara compreensão e para definir rumos certos ao seu trabalho de formação e de acção.

A Acção Católica Juvenil, sob o lema "Com Deus um Mundo Novo", deseja promover um conjunto de iniciativas tendentes a levar cada jovem a tomar consciência das realidades concretas em que se encontra inserido e a assumir efectivamente as suas responsabilidades perante os problemas locais, regionais e nacionais.

(Continua na 4.ª página)

Assembleia Geral da Caixa de Crédito Agrícola do Concelho de Vila Verde

No dia 19 de Janeiro, realizou-se a Assembleia Geral dos sócios da Caixa de Crédito Agrícola do Concelho de Vila Verde, para apreciação do relatório da gerência de 1963 e eleição dos Corpos Directivos para 1964.

(Continua na 4.ª página)

Foi num ambiente soleníssimo e no meio de um entusiasmo sem precedentes na história

dos Arcebispos de Braga

que tomou posse da Arquidiocese S. Ex.ª Rev.ª o Senhor D. Francisco Maria da Silva

ARCEBISPO PRIMAZ

A cidade dos Arcebispos, a Braga Augusta de tão belo passado histórico, soube portar-se como nunca e vibrar com todo o entusiasmo por altura da tomada de posse, em 2 de Fevereiro, de Sua Ex.ª Rev.ª o Senhor Arcebispo Primaz.

Braga coalhou-se de gente. Estavam representantes de toda a Arquidiocese Na Sé Primacial, onde se desenrolaram as principais cerimónias, vimos os Prelados D. Florentino de Andrade e Silva, Administrador Apostólico do Porto; D. Abílio Vaz das Neves, Bispo de Bragança; D. António Valente da Fonseca, Bispo de Vila Real; D. Manuel de Almeida Trindade, Bispo de Aveiro; D. Abade de Singeverga; e, em lugar reservado, Monsenhor Rotoli, auditor da Nunciatura. Vimos presentes, Professores Catedráticos, Governadores Civis, Presidentes das Câmaras, grandes patentes militares e ainda os Ministros da Presidência, da Justiça e das Finanças, e o Subsecretário de Estado da Indústria.

Quando S. Ex.ª Rev.ª chegou, em procissão, à Basílica Primacial, o Presidente da Câmara de Braga acompanhado de toda a Vereação

«O bispo está sempre na Igreja em lugar mais alto, a exemplo de Deus que também subiu para a transfiguração no Tabor e para o monte no Calvário. Mais alto para ver melhor, mais alto para dar mais luz, mais alto para ter mais honras, mais alto para sofrer mais

...O programa de acção do vosso novo bispo: — viver, orar, trabalhar, pensar, combater para que a Igreja braguesa continue a refulgir como noutras eras...».

(do Discurso-Programa)



As Armas de Fé do novo Arcebispo de Braga

LEITURA HERÁLDICA — A forma preferida para o escudo é a francesa antiga; heráldicamente a sua figura principal é o chefe de prata, carregado de um triângulo equilátero radiante (no centro), e de duas lucernas, de sua cor, volvidas ou perfiladas nos cantos dextro e sinistro.

Em campo de goles (vermelho) um Crismon flanqueado, à dextra e à sinistra, pelas iniciais gregas *alfa* e *omega*, tudo sobrepujado, à sinistra, por uma estrela de seis pontas, de prata, e carregada da letra M.

Num listel ou filacteria, a empresa divisa: *Per Mariam ad Jesum*. Como paquife ou lambrequim, capelo de Bispo de *sable* (preto),

forrado de *sinople* (verde) com seus cordões do mesmo e dez borlas.

Sob o capelo, à sinistra, báculo pastoral de ouro voltado para fora, símbolo de jurisdição no foro externo, bem como de piedade e firmeza para a correcção dos vícios; à dextra, mitra preciosa de frente, de ouro trebolada e com dois travesões, própria do Arcebispo - Primaz, que é igual à dos Patriarcas.

SIMBOLISMO — O novo Arcebispo, D. Francisco Maria da Silva, coloca a sua vida ao serviço de Cristo, salvação e esperança (âncora) da humanidade que Ele remiu.

Para tanto, conta, firmemente, com a protecção da Santíssima Virgem representada nas suas armas por uma estrela que ilumina o caminho que leva a seu divino Filho, princípio e fim de todas as coisas (Apoc. 1 8). Com efeito Maria, *Stella Maris*, Rainha do Céu e Mãe de Deus, é representada, comumente, coroada de estrelas (Apoc. 12,1): seu divino Filho, Jesus, desde a mais remota antiguidade, desde o tempo das Catacumbas, é representado por meio de um monograma (ou Crismon) constituído por duas letras que são a primeira do nome de Cristo em grego. Combinando-as, em estilizações suces-

(Continua na 4.ª página)

fez a entrega das «Chaves da Cidade» ao «Senhor de Braga, Primaz das Espanhas».

Na Sé foram lidas as Bulas de Paulo VI, nomeando D. Francisco Maria da Silva, Arcebispo de Braga. No final, o Cabido, todos os Arciprestes da Arquidiocese, as autoridades presentes, foram cumprimentar Sua Ex.ª Rev.ª.

Depois da sua histórica exortação pastoral, houve Te Deum e bênção do SS.º Sacramento. Perto já do fim da tarde realizou-se um cortejo apoteótico da Sé para o Paço Arquiepiscopal. Ninguém se podia movimentar em todo o percurso. Das janelas com colchas e milhares de pessoas chovem nuvens de papelinhos sobre o carro aberto do Senhor Arcebispo enquanto os vivos e as palmas atroam os ares.

Braga mostrou que amava o seu novo Arcebispo.

Houve muitos discursos de saudações, e S. Ex.ª Rev.ª terminou dizendo que, se aquelas homenagens fossem à sua pessoa, tê-las-ia evitado. Porque eram à Igreja, associava-se a elas. Assemelhou aquele dia ao Domingo de Ramos em Jerusalém, no qual Jesus Cristo se escondia para glorificar o Pai. Ele queria ser outro Cristo, apagado escondido entre todos para que em tudo resplandesse a glória de Deus no esplendor da Santa Igreja

(Continua na 4.ª página)

PALESTRA

Realiza-se, fora do costume, no dia 14. Pede-se a comparência do Reverendo Clero. Tratar-se-á de assuntos relativos ao Sameiro. — O Arcipreste



O Concelho de Vila Verde sob uma vaga de assaltos dos ladrões, talvez estranhos ao Concelho

A Igreja de Vila Verde assaltada, etc. etc., e talvez mais uma vez impunemente.

Bem se diz que um mal nunca vem só. Deu-nos o Estado Novo uma ordem, uma paz, uma segurança das nossas vidas e haveres invejáveis em todo o mundo. Mesmo os mais acérrimos inimigos do país não podem negar a segurança que possui o cidadão português, em comparação com os outros países civilizados.

Para isso têm contribuído um policiamento eficaz, um castigo firme do crime e uma educação das massas populacionais.

Porém a recente vaga de assaltos feitos no Concelho de Vila Verde, a sua impunidade, a indiferença existente, em vários casos, em seguir as mais esperanças pistas dos assaltantes, parecendo estar-se à espera que eles arrependidos se venham entregar, pode começar a criar uma psicose destruidora de tanto bem em paz e ordem, que levarem tantos anos a construir aos homens do Estado Novo.

A última semana do mês de Janeiro, com o seu frio intenso, com o seu luar de prata, fica assinalada por uma série histórica de assaltos nocturnos às duas principais Vilas do Concelho de Vila Verde, vindo dizer aos seus habitantes que têm de chapear as suas portas a ferro forte, dormia com a resignação apertada à cabeceira da cama.

E é de lamentar, em vários assaltos, sabe-se que foram feitos por estranhos ao Concelho, porque sabem poder agir sem perigo de serem importunados.

Saudosos tempos, em que os vilaverdenses podiam dormir sono socegado, porque um homem só — desses de rija fêmpera — quase não dormia, para a todas as horas, aparecer em qualquer local a tomar medidas preventivas ou a prender criminosos. O jogo nas tabernas, o funcionamento destas até altas horas da noite, os vadios, os suspeitos que vagueavam pelo Concelho, sabiam que o senhor Major Henriques não lhes dava ocasião de exercer a acção deletéria de nossos dias; bom administrador deste Concelho.

Também por aqui passou a quadrilha celebríssima do "Rabusano, anos depois de já não estar no Concelho aquele benemérito da ordem pública; mas ficou a saber, então, que a desgraça dessa quadrilha foi pisar o Concelho de Vila Verde, porque não lhe deram mais uns minutos de socego. Bons tempos... bons tempos.

No dia trinta de Janeiro, de manhã, ao tocar o sino para a Missa, começou a correr célere a notícia de que a Igreja Matriz do Concelho, situada a poucos metros dos Paços do Concelho, fora assaltada de madrugada.

Os ladrões entraram possivelmente, com chave falsa, pelas trazeiras da Igreja. Tentaram violentar o sacristão, que denificaram, mas não o conseguiram, porque é um cofre forte, instalado segundo as instruções da Sagrada Congregação dos Sacramentos.

Transportaram uma pesada caixa de esmolas, com parte de ferro e supedâneo de madeira, que conduziram através dos campos, indo arrebatá-la junto do lugar das Torres.

Sabe-se que, nas vésperas, andaram indivíduos, que não era difícil identificar, se têm egido convenientemente logo na manhã do crime, a rondar a Igreja e a informar-se minuciosamente onde moravam o Pároco, o Sacristão, o cozeiro, etc. Eram residentes em Braga; declararam pegadas. Tudo se desprezou.

Mas já não é a primeira vez que a Igreja de Vila Verde é assaltada impunemente. Há cerca de três anos, um cavalheiro novo, bem vestido, assaltou várias Igrejas, inclusive a de Vila Verde. Apesar de ter sido reconhecido, nin-

guém o importunou. Passados dois dias voltou a Vila Verde e assaltou a Capela de Santo António. Tudo à corda do dia. E lá se foi embora, sem mais ser importunado.

Queríamos fazer uma pergunta sem intenção malévola: se em vez de ser assaltada a Igreja, o fosse uma repartição pública, ainda que o roubo fosse insignificante, haveria essa impunidade? De quem é a culpa? quem deveria agir? Não o sabemos. Apenas temos a afirmar que à Igreja não compete andar atrás de assaltantes.

Mal vai a um povo, a uma Nação que se diz Católica, quando se deixam assaltar as suas Igrejas, de braços cruzados, numa impunidade garantida.

Resta-nos uma consolação. Os assaltantes não eram deste Concelho. O povo da Sede e de todo o Concelho sentiram emergente estas profanações da sua Igreja Matriz, oferecendo de várias partes, donativos para que se façam rigorosas investigações. Não... não queremos esse dinheiro... quem se sentir com a obrigação de agir que haja; quem não agiu quando deveria agir, ficará a contar as críticas justas e construtivas do povo do grande, cristão e nacionalista Concelho de Vila Verde. Será uma nódoa que não conseguirão alijar. Depois nós não temos razão.

Regressarem, os nossos meios rurais, aos tempos do Zé do Telhado?... A ver vamos... tudo é possível no presente caminhar.

Os menores vagueiam pelas tabernas, jogam em clubes até altas horas da noite; as fescas fazem que fecham e acobertam jogadores até altas horas da madrugada. Tudo caminha na preparação do crime e da impunidade.

De quem é a culpa? Não o sabemos.

Assalto ao Salão Paroquial de Prado

Na madrugada do dia dezanove do mês de Janeiro foi assaltado o Salão Paroquial de Prado. Os estregos não foram grandes (um vidro partido, uma porta arranhada, chocolates, rebocados, e uns escudos roubados) mas foi grande o atrevimento dado que o Salão paroquial não tem condições de segurança. Foi feito sem critério nenhum (sem nenhum critério a não ser o da massa!) e só as moedas lá não podem entrar se não quiserem!

Assalto à Casa do Povo de Prado

Na noite de vinte e seis para vinte e sete de Janeiro foi assaltada, com requintes de malvez, a Casa do Povo desta Vila. Foram arrombadas todas as portas interiores, abertas todas as gavetas, espalhados pelo chão todos os livros e papelada... uma autêntica barbaridade! Os prejuízos são grandes e o dinheiro roubado foi cerca de 1.800\$00.

Assalto à Casa Fernando Pedroso

Nesta mesma noite foi assaltada a casa Comercial de Fernando Pedroso. Os gatunos, como nos outros assaltos, começaram por partir um vidro, com uma pedra lançada à distância, e por ele, com habilidade rare, se introduziram em casa onde se sentiram à vontade.

Não conseguiram arrombar o cofre mas levaram em febacos e outros artigos o valor de dois mil escudos.

A G. N. R. tomou conta de todas estas ocorrências.

AS MAIS SELECIONADAS ARVORES DE FRUTO



As melhores sementes de flores e hortaliças.

As mais lindas ROSAS premiadas em Concursos internacionais.

Camélias, arbustos, arvoredos, bolbos, insecticidas, fungicidas. Construção de jardins, parques e pomares.

Catálogos grátis

ALFREDO MOREIRA DA SILVA & F.º, L.º

Rua D. Manuel II, n.º 55

PORTO

Telef. 21957

Telegr. Roselândia



Tribunal Judicial de VILA VERDE Anúncio

(2.ª publicação)

Pela 1.ª Secção da Secretaria Judicial desta Comarca, correm éditos de VINTE DIAS, contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos da executada Alzira Pereira da Silva, viúva, da freguesia de São Vicente de Ponte, desta Comarca, para no prazo de DEZ DIAS, posterior àquele dos éditos, reclamarem o pagamento dos seus créditos pelo produto dos bens penhorados sobre que tenham garantia real, na execução sumária movida por António da Silva, casado, proprietário, do lugar do Monte, freguesia de Coucieiro.

Vila Verde, 14 de Janeiro de 1964

O Juiz de Direito,

a) Manuel Augusto Gama Prazeres

O escrivão,

a) Manuel Augusto Monteiro da Silva



Tribunal Judicial de VILA VERDE Anúncio

(2.ª publicação)

No próximo dia 10 de Fevereiro, pelas 10 horas, à porta do Tribunal Judicial desta Comarca e em virtude do ordenado nos autos de Execução de Sentença que pela primeira secção deste Tribunal o exequente Doutor Mário Malheiro Reimão Nogueira, advogado com escritório na Rua Aurea, da cidade e comarca de Lisboa move contra os Herdeiros de Teresa de Jesus Vieira, viúva, lavradeira, que foi da freguesia de Santa Maria de Prado, desta comarca, vai-se proceder à arrematação em hasta pública, em primeira praça, pelo maior lance oferecido acima do valor que vai indicado, do seguinte direito: — O direito e acção a metade da herança indivisa do casal da executada Teresa de Jesus Vieira e de seu falecido marido José de Sousa, ou seja a meação dela executada nessa herança indivisa, que vai à praça por 10.000\$00.

Vila Verde, 2 de Dezembro de 1963

O Juiz de Direito,

a) Manuel Augusto Gama Prazeres

O escrivão da 1.ª Secção,

a) Manuel Augusto Monteiro da Silva

Assina 'O Vilaverdense,

O Preço da energia eléctrica

«A ninguém se dará novidade afirmando que o consumo de energia eléctrica é um dos mais importantes índices da vida económica e social de um povo»...

«Nas redes de freguesias já electrificadas 1.200.000 famílias; mas destas, apenas 400.000 são consumidores de energia, não por desinteresse por tão grande instrumento de progresso e de bem estar, mas porque é elevado o custo da electricidade»...

São palavras do artigo de fundo do jornal O Século, de 28-12-63, que transcrevemos com a devida vénia.

Isto vem provar mais uma vez, a necessidade premente de embaratecer a energia eléctrica, tornando possível a sua utilização em larga escala, quer em produção de riqueza, quer em conforto e bem estar.

Criar novas tarifas com escalões é o primeiro passo, que não pode nem deve ser protelado... Ora, quando foi posto um técnico à frente dos serviços

Municipalizados, todos nos pensamos que os respectivos serviços iriam entrar numa fase de progresso e que novas tarifas tornariam este maravilhoso fluido acessível a todas as bolsas e para todos os fins.

Porém tal não aconteceu, e cá continhamos com o preço único e proibitivo dos 2\$50 kwt sem escala. Temos energia mas não a podemos utilizar como essas 800.000 famílias a que se refere o artigo de O Século. Sirva nos de consolação o saber que outros há, que podem dizer: Temos muitas barragens hidroeléctricas mas não temos energia.

Não é sem razão que o «Agora» chama a isto o Sector Superdesconchavado.

Era tão fácil resolver o problema, que acabamos por acreditar que, há alguém, a quem isso não convém, como se não estivesse dependente dele o nosso progresso e o melhoramento do nosso nível de vida.

Nobre Povo

A NOVA SKYRITER SMITH CORONA

C / Maleta de Luxo

A máquina portátil por excelência, vendida segundo o novo programa de prestações de 100\$00 mensais, sem entrega inicial.



DISTRIBUIDORES:

Araújo & Sobrinho, Suc.ªs

LARGO DE S. DOMINGOS, 50 — TELEF. 29151

PORTO

(10)

Desportos



Da Direcção

Sócios e massas de simpatizantes deste nosso glorioso Desportivo, vendo aproximar-se a data da partida dos seus fervorosos colaboradores Francisco Lopes de Sousa e António Ferreira Alves, desejam-lhes muitas felicidades em Angola, garantindo-lhes que deixam cá uma grande quantidade de emigos a quererem que volte novamente, o mais cedo possível.

FUTEBOL

Em 25 de Janeiro

Em Prado—Prado, 2—Fefe, 4

Pouca sorte para Prado, triunfo muito desejado para os Fefenses. Estes beneficiando com uma grande penalidade, de logo no início do jogo, facilmente se colocaram em posição superior, quer ténicamente, quer fisicamente, por certa desmoralização dos nossos rapazes. Foi pena, porque se assim não tem sido, o resultado seria muito discutido. Quase no fim do jogo reagimos, fazendo dois golos em 5 minutos. Se tem havido essa reacção mais cedo... A equipa adversária é superior e portanto, a derrota não constitui desonra para as nossas cores.

Em 2 de Fevereiro

Em Tadmim—Tadmim, 0—Prado, 2

Grande tarde para o nosso grande Desportivo. Jogou-se autêntico futebol. Houve jogadas muito interessantes que mereciam melhor êxito. O resultado não condiz com as possibilidades. Merece desta derrota, ficou o adversário sem possibilidades de se livrar do último lugar na classificação final.

Estão assim classificados os clubes concorrentes:

Gil Vicente 33 pontos, Vizela 27, Límianos 24, Fefe 23, Monção 21, Espozende 16, Desportivo de Prado 15, Leões 12, Taipas 10, Arcos 9, Fão 8 e Tadmim 6.

Podemos já considerar o 7.º lugar da classificação nosso, pois o vizinho Clube de Braga — O Leões não terá possibilidades de nos alcançar. Tenta-se porém, tirar o lugar do meio da tabela ao Espozende que terá de se deslocar a Prado no Domingo, 9. Convm-nos essa vitória, para os superarmos, prevendo que outras vitórias poderemos vir obter. Seria um prazer comunicarmos, na altura própria, ao nosso amigo Zé Machado, que aceitou as previsões, anteendo, no início do campeonato, o nosso lugar no meio dos primeiros seis.



Tribunal Judicial de VILA VERDE

Comarca de Vila Verde

Anúncio

(2.ª publicação)

Pela 1.ª Secção da Secretaria Judicial desta Comarca, correm éditos de VINTE DIAS, contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos dos executados António Cerqueira da Silva e mulher Isabel Gomes da Silva, proprietários, da freguesia de Santa Maria de Prado, desta Comarca, para no prazo de DEZ DIAS, posteriores àqueles dos éditos, reclamarem o pagamento dos seus créditos pelo produto dos bens penhorados sobre que tenham garantia real, na execução movida pelo exequente António José Gomes, solteiro, proprietário, do lugar do Souto, da mesma freguesia de Santa Maria de Prado.

Vila Verde, 13 de Janeiro de 1964

O escrivão da 1.ª Secção,

a) Manuel Augusto Monteiro da Silva

Verifiquei

O Juiz de Direito,

a) Manuel Augusto Gama Prazeres



Fogões de sala em tijolo

O proprietário deste estabelecimento participa aos Ex.ªs Clientes e amigos que tem em depósito, prontos a entregar, muitos e vários modelos a preços muito em conta

RUA DOUTOR ALVES VEIGA N.º 120
Telefone 25862 PORTO

Casa Claro

— DE —

Paulo de Sousa Claro

Fábrica de depósito de velas de cêra e artigos de apicultura

Rua D Diogo de Sousa, 100
TELEPHONE, 22305 BRAGA

O melhor café é o



do Brasileira

— DE —

Mário Joaquim de Queirós & C.

TELEPHONE, 22013 BRAGA

Notas de Lisboa

Novos Tempos

O «Diário Popular» referiu-se ainda há pouco ao gradual desaparecimento de «cafés» lisboetas que tiveram na vida cidadã expressão especial. O facto resulta, naturalmente, do alargamento da Cidade, do aumento da sua população e da mudança de certos hábitos operada sobretudo da última guerra para cá. Antes dela os «cafés» da Baixa eram locais de atracção de determinadas categorias de pessoas. Nuns discutia-se política, noutros artes e letras e noutros cultivava-se pura e simplesmente o humorismo.

Cito um exemplo ao acaso: o célebre «café» *Martinho* que, antes da guerra, era ponto de reunião de gente em que se contavam estudantes, principalmente de Agronomia e de Direito, integrados em conceitos políticos nacionalistas. O *Martinho* ainda existe mas foi submetido a obras e, se não estou em erro, é frequentado por fregueses que tanto vão lá como poderiam ir a qualquer outro «café».

Hoje a vida de Lisboa é completamente diferente. O extraordinário desenvolvimento da Cidade, o aumento do número de cinemas, a difusão, por todos os bairros, de «cafés», pastelarias e charcutarias, a existência dos chamados «Snack-bars», tiraram à Baixa a feição primitiva, pelo que a mesma deixou de constituir, depois do jantar, o ponto de concentração que era há 30 anos. Quem, por exemplo, morar em Alvalade, não lhe passa pela cabeça deslocar-se uns quilómetros só para cavaquear em qualquer sitio da Baixa.

As distâncias, a distribuição dos cinemas e a televisão, levaram, enfim, as pessoas a passar as horas disponíveis nas proximidades das suas residências ou nestas próprias. Refiro-me, claro está, à maioria da população, porque há uma percentagem, em regra constituída por gente nova, que não se resigna a essas limitações. Por outras palavras: os rapazes e raparigas do tipo mais ou menos «nova vaga», influenciados pelo que sabem ou julgam saber da vida de países onde existem conceitos sociais muito diferentes dos que nos são próprios, entendem que é moderno, que é «chic», imitar o que por lá se passa.

Eu não sou daqueles que julgam que só no «seu tempo» é que as coisas estavam certas, dos que, em suma, pensam que a transformação dos costumes vai subverter a vida familiar, isto é, (servindo-me de uma imagem de Marañón) que uma casa se vai desfazer só porque se atiram pela janela fora os móveis velhos e se metem móveis novos, de outro estilo. Não julgo isso (como já em tempos referi neste jornal) até porque a natureza humana é sempre a mesma e portanto, na generalidade dos casos,

acaba por dominar tudo o que contrarie a sua normal exteriorização, dentro dos princípios éticos que informam a nossa vida social. Todavia, não se devem esquecer certos e grandes perigos, no que possa atingir os nossos costumes tradicionais, apoiados aliás, nas grandes linhas morais que, estão na base da Civilização Cristã.

Isto vem a propósito de algumas senhoras, entre as quais duas casadas (mas desacompanhadas dos maridos e com o consentimento destes) estarem a ceiar pela uma hora da noite, sôzinhos e depois do cinema, aonde tinham ido, num restaurante moderno. Cumpre salientar que se tratava de pessoas honestas e de boa posição social. Um amigo meu, sem qualquer parentesco com elas e convidado para ceiar, aludiu, vaga e timidamente, a possíveis inconvenientes que daí resultariam. Elas responderam, em linguagem também «nova vaga» (apesar de duas serem diplomadas com cursos superiores) que isso (a aceitação do convite)... «não queria dizer batatas!»

Embora, por acaso, elas estivessem a comer batatas, pretendiam significar não haver mal nenhum em que à sua mesa se sentasse um ou mais amigos. Na realidade assim seria. Mas o certo é que este despoimento, fruto de uma profunda evolução originada pelas duas grandes guerras, se afigura um bocado exagerado aos que, como eu, já iam a restaurantes antes da última guerra. E das duas uma; ou elas estão dentro da razão ou então (usando o termo da moda) sou eu que estou já *ultrapensado* pelos acontecimentos, isto é, que estou a precisar de pantufas e a çorda. E que, se qualquer delas fosse minha mulher, estaria tão livre de ir ao restaurante com as amigas depois do cinema como eu estou livre de vir a comandar um submarino atómico. Que afinal, bem vistas as coisas, chego a não saber se será mais fácil ou mais difícil comandar um submarino do que comandar uma mulher. Para se comandar qualquer coisa é preciso conhecer em profundidade essa mesma coisa.

Ora eu não me esqueço de que um indivíduo de meia idade, com a mania de que era psicológico infalível e que já há muitos anos frequentava todas as noites determinado «café» onde distraía os amigos com as suas curiosas teorias, anunciou certa vez o seu próximo casamento com uma senhora que ele conhecia desde a infância e que era portadora de um temperamento *brando*, extremamente *maleável*. Uma mulher, em resumo, que ele, o *Psicólogo*, dominaria inteiramente, amoldando-a aos seus gostos e ao seu padrão de vida. Casou. Aplicou a sua *psicologia*, mais profunda do que a contida em todos os densos tratados publicados desde que, no século XIX, se rasgaram, no seio da Filosofia, as primeiras clareiras da Psicologia Experimental. Além disso aplicou também, ou melhor, pretendeu aplicar, a sua autoridade de marido. Resultado: depois do casamento nunca mais teve, sequer, a simples liberdade de ir tomar o inocente e habitual café no fim do jantar!!!

Em face do exposto (como se diria em linguagem burocrática) despeço-me até à próxima sem qualquer outro comentário.

M. da C.

Assembleia Geral dos Bombeiros Voluntários de Vila Verde

No dia 12 de Janeiro, no Quartel dos Bombeiros Voluntários de Vila Verde, realizou-se a Assembleia Geral dos Sócios, para discussão das contas de Gerência de 1963 e eleição dos Órgãos Dirigentes para o triénio de 1964 a 1966.

Compareceram muitos sócios sendo eleitos: para a Assembleia Geral - Presidente, Padre Manuel Gonçalves Diogo; Vice-presidente, Padre Abel dos Santos Moraes; 1.º Secretário, Francisco da Costa Matos; 2.º Secretário, Manuel Fernandes.

Direcção - Presidente, José Manuel dos Santos; Vice-presidente, José Maria da Silva; 1.º Secretário, João da Silva; 2.º Secretário, Manuel de Oliveira Barros.

Tesoureiro - António Pinto Ramos.

Vogais: António da Costa Braga e José Luciano de Sousa.

Aprovadas as contas, foi resolvido adquirir, neste ano, por proposta do senhor Comandante, um Gipão para poder-se conduzir o material de incêndios às nossas aldeias com mais difíceis meios de acesso. Custará cerca de 130 contos. Espera-se o auxílio do povo do Concelho.

CORRESPONDÊNCIAS

Vila de Prado

Atenção Pradenses!

Seria, agora, óptima ocasião para se pensar a sério no arranjo da sonhada avenida beira rio. Sabemos que em Ruães se vão fazer grandes obras e se as pessoas *influentes* de Prado se não importarem aquele lugar de recordações da nossa infância e da nossa mocidade ficará, para sempre, submergido, com as nossas ilusões, nas águas do Cávado.

Que o povo de Prado não fique, toda a vida, a amaldiçoar aqueles que devem tratar do assunto. Sabemos que é trabalho espinhoso que vai exigir grandes sacrifícios a quem nele se meter, mas para o verdadeiro pradense não há sacrifícios, mas, sim, amor à sua terra.

Avante, pois, antes que seja tarde.

Assalto ao Salão Paroquial

Como noutro local dizemos foi assaltado o Salão paroquial. Queremos tecer aqui um voto de louvor aos *detectives* N-3 e X 9 que, em calma e saber souberam pormenorizadamente relatar o assalto tal qual se deu e seguir a pista do ladrão agora a contos com a justiça. Não filhou um pormenor. Estais de parabéns.

O dia da Padroeira desta freguesia, Nossa Senhora da Purificação, foi celebrado com muito brilho. Houve benção das Velas, Missa Cantada e sermão pelo Rec.º Padre Américo Ferreira Alves. À tarde não houve cerimónias, na paróquia mas os Pradenses deslocaram-se à Sé Bracarense onde participaram na tomada de posse do Senhor Arcebispo Primaz.

A Catequese de Prado editou lindas estampas de Sua Santidade o Papa Paulo VI, cujo produto reverte a favor da Associação da Doutrina Cristã.—C.

EDITAL

José António Machado Júnior, *Chefe da Repartição de Finanças do Concelho de Vila Verde, faz saber que:*

Havendo necessidade de se conhecer, com urgência, quais os concursados para aspirantes do Quadro da Direcção Geral das Contribuições, com residência na área deste concelho, que aceitam a nomeação provisória ao abrigo do artigo 64.º e seguintes da organização, aprovada pelo Decreto n.º 45 095, de 26 de Julho de 1963, ficam por este meio avisados todos os interessados de que deverão apresentar, nesta Repartição, requerimento, em papel selado, no qual indicarão, por ordem de preferência, as localidades onde aceitam o desempenho de tais funções.

Para constar se passou este e outros de igual teor que vão ser afixados nos lugares públicos do costume.

Repartição de Finanças de Vila Verde, 28 de Janeiro de 1964.

O Chefe da Repartição,

José António Machado Júnior

E. J. Chambers

Portela de Penela
Vila Verde

Compro selos usados em quantidade ou envelopes com os selos colados. Somente interessam selos vulgares nacionais, ultramarinos e estrangeiros.

Pico de Regalados

S. Miguel de Prado

Por falta de espaço ainda não nos foi possível mencionar a vinda do Cenadão do nosso estimado assinante, Sr. Francisco Barbosa da Mota, que no mês de Dezembro do ano passado veio dessa longínqua terra para passar a festa do Natal com seus pais e mais família. Alegremo-nos com a sua vinda e fazemos votos pelas prosperidades, pois trata-se dum assinante brioso que põe a sua assinatura sempre adiantadamente por intermédio de seu cunhado, Sr. Silvestre Simões Barbosa, também brioso assinante do «Vilaverdense». Grefos aos dois assinantes a quem apresentamos as nossas felicitações.

S. Cristóvão

No dia 12 do passado mês de Janeiro chegou a Lisboa, vindo a seguir para esta terra, o Sr. Sargento Júlio Alves Gomes, nosso brioso assinante, que, na província de Moçambique, lutou pela integridade da nossa Pátria durante o tempo determinado pelos Superiores. O brioso soldado do nosso exército já se apresentou no Quartel de Infantaria 8 de Braga onde continua a servir a pátria. Apresentamos-lhe os nossos sinceros parabéns e fazemos votos pelas suas felicidades. Dignou-se dar o seu nome para continuar a assinar o «Vilaverdense», que lhe será enviado para esta terra. Agradecemos-lhe os elogios prestados ao nosso jornal, pois manifestou a alegria que sentia lá longe em ler as notícias da sua terra adoptiva e as crónicas do nosso colaborador, Sr. P.º Manuel Gonçalves Diogo.

Gomide

Realizaram-se com brilho as festas em honra de Nossa Senhora das Candeias e São Brás que atraíram mais uma vez grande número de devotos que subiram até ao alto desta terra para prestar homenagem a Nossa Senhora e ao glorioso defensor das doenças da garganta.

Durante uma semana Mons. Horácio de Araújo, estimadíssimo pároco de Ronfe e filho desta freguesia, preparou os fiéis para estas solenidades com a sua apostólica pregação.

No domingo um grupo de pessoas de Ronfe desempenhou com grande competência a parte musical da festa, merecendo os melhores elogios de todas as pessoas que assistiram. Apresentamos as nossas felicitações ao pároco, Sr. P.º Manuel Braga Barbosa e a todos os que com ele trabalharam para o brilho das festas.—C.

S. R.

Tribunal Judicial de VILA VERDE Anúncio

(1.ª publicação)

Pela primeira Secção da Secretaria Judicial desta comarca, correm editos de **Vinte Dias**, contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos do executado Francisco Joaquim Fernandes de Azevedo, viuvo, comerciante, residente no lugar do Senhor, freguesia de Lanhas, desta comarca, para no prazo de **Dez Dias**, posterior ao dos editos, reclamarem o pagamento dos seus créditos pelo produto dos bens penhorados sobre que tenham garantia real, na execução movida por António José Gomes Soares, casado, proprietário, da freguesia de Santa Maria de Prado desta comarca.

Vila Verde, 23 de Janeiro de 1964.

O Juiz de Direito,

a) Manuel Augusto Gama Prazeres

O escrivão,

a) Manuel Augusto Monteiro da Silva

Ribeira de Penela

Muitas centenas de pessoas desta linda Ribeira se encontram há mais ou menos tempo, espalhadas pelo país inteiro, cuidando de angariar o pão para si e para os seus. Muitas vieram passar o Natal com suas famílias. Quase todos já regressaram aos seus trabalhos; não se esqueçam também da saúde da alma.

Promovida pelos assistentes arcepretais da A. C., em 26-1, houve reunião magna da Juventude desta Ribeira em Duas Igrejas. Todas as freguesias se fizeram representar. Presidiu a muito activa delegada regional Prof. D. Maria Adelaide Soares Fernandes.

Os consumidores de energia eléctrica desta região, queixam-se de que a corrente anda muito baixa, às vezes sem força para acender as luzes fluorescentes.

Encontra-se enfermo, desde há tempos, o muito estimado Sr. António Manuel Lopes, da Casa do Hospital de Gães.—C.

Portela do Vade

Obito — No dia 26 de Janeiro faleceu no Hospital de Vila Verde António Ramalho Braga, apesar de todos os cuidados que com ele houve no Hospital, médicos e enfermeiros, atendendo a que ainda muito novo, 30 anos de idade, e deixando um grupo de filhinhos de tenra idade, de quem era o único ganha pão.

Era um fiel empregado do industrial Sr. Armando Peixoto, e vitimou-se uma ulcera no estômago.

Electricidade — Está afinal, depois de tanto tempo se esperar, electrificada a nossa terra, com luz a jorros nas nossas casas e na rua. O que é para melhorar a iluminação pública, pois temos luz à noite, ainda ao anoitecer, alumando ainda o lusco-fusco, luz sem necessidade, e a uma hora da manhã já é f. chaça a luz. Este horário da iluminação pública não está bem, pois há consumo de energia quando não é preciso, e quando convinha pela madrugada, não há luz.

Há também umas faltas a reparar, pois vários moradores tem pedido aos Serviços Municipalizados da Câmara para lhes fazerem as baixadas da electricidade para suas casas, e assim passam semanas e semanas e o serviço não é feito, e nisto há prejuízo para a Câmara, pois o maior consumo é durante o inverno, e este vai passando e as noites vão diminuindo. Mas tudo se há-de remediar, atendendo à vontade do Sr. Engenheiro Oliveira, director dos Serviços Municipalizados e do Ex.mo Sr. Presidente da Câmara, a quem estamos gratos por este grande melhoramento.—C.

Sabariz

Realizou-se no passado dia 6 do corrente o grandioso Cortejo de Oferendas a favor do novo Hospital de Vila Verde. A nossa freguesia também se fez representar muito brilhantemente pelo que, estão todos de parabéns.

Ainda não vai à muitos dias que a nossa freguesia foi vítima de um grande incêndio; este registou-se às 3 horas da madrugada, na Fábrica de Serração de Gaspar da Silva Pereira & Filhos. Logo que foi dado o alarme apareceram muitos populares que com muito esforço evitaram que o incêndio se propagasse a outros prédios. Chegaram depois os Bombeiros Municipais de Braga seguidos dos de Vila Verde que lutaram com bravura para extinguir o incêndio e já no final chegaram os Bombeiros Voluntários de Braga por não terem recebido comunicação no devido momento.

Aniversários : Festejou no passado dia 2 do corrente as suas 21 risonhas primaveras o nosso estimado correspondente Sr. João Soares Carneiro.

No dia 3 do corrente também festejou o seu aniversário natalício a menina Maria Sofia Rodrigues Gonçalves.

Falecimento : Faleceu no passado dia 2 do corrente o sr. João Peixoto. O seu funeral realizou-se no dia 3, com missa de corpo presente. A família enlutada apresentamos os nossos pesames. Paz à sua alma.—C.

Rio Mau

Está para breve a pavimentação de parte do adro da Igreja, em cubos de pedra. Já estão no local os materiais para esta dispendiosa obra, que irá parecer breve a todos.

No próximo dia 16-2, vai haver a 1.ª Comunhão de grande número de crianças. Haverá missa cantada de manhã e adoração e sermão de tarde.

No dia 19-1, com o nome de Rosa da Conceição, foi baptizado o 2.º filho de António de Macedo Soares, e no dia 2-2, com o nome de Maria Beatriz, o 1.º filho de Venâncio Marques Correia.

Em 25-1, casou Joaquim Gomes de Magalhães com Maria de Jesus Gomes Ferreira.

Encontra-se enfermo desde há tempos, o Sr. Casimiro Fernandes Dantas.—C.

Pastelaria BAR VILAVERDENSE

Fabrico esmerado de doce de todas as qualidades Serviço de Casamentos, Baptizados e Homenagens Vinhos de mesa, finos e espumantes, refrigerantes a preços excepcionais — Café especial

Em Vila Verde, não deixe de visitar a PASTELARIA

A COMERCIAL DE PRADO

— DE —

Fernando Duarte Pedroso

Agente da Companhia de Seguros «Tranquilidade»

Azelites, Merceria, Vinhos, Refrigilantes, Ferragens, adubos e Materiais de Construção

Revendedor de BUTAGAZ e produtos SHEL.

Vila Verde

TELEPHONE, 92115

P R A D O

Fábrica de Bordados Regionais

DE

Maria Helena Dantas

Variedade de Linhos: — Toalhas de Mesa em todas as medidas.

Jogos à americana: — Tabuleiros, sacas, guardanapos, etc.

Ainda um grande sortido em puchados e em perlé, e bordados regionais

LUGAR DA PONTE — Prado

Telef 92147

BRAGA

Preço anual da Assinatura	
Continente	30\$00
Ultramar e Brasil (via marítima)	60\$00
» (aérea)	140\$00
Outras nações (via marítima)	70\$00
» (aérea)	160\$00

A posse do novo Arcebispo de Braga

(Continuação da 1.ª página)

Entre muitíssimos telegramas que S. Ex.^a Rev.^{ma} recebeu na sua tomada de posse, queremos destacar, em primeiro lugar, o de Sua Ex.^a o Chefe de Estado, Contra-Almirante Américo Tomás, assim redigido: «Cumprimento cordialmente V. Ex.^a Re.^v e desejo as maiores felicidades desempenho Sua nobre missão» — Américo Tomás.

Também Sua Ex.^a o Sr. Presidente do Conselho, nos seguintes termos: «Associo-me às homenagens prestadas V. Rev.^{ma} na posse da Arquidiocese de Braga, desejando as maiores prosperidades a V. Rev.^{ma} e à Comunidade Religiosa que é chamado a dirigir com os mais respeitosos cumprimentos» — Oliveira Salazar.

Sua Ex.^a o Senhor Nuncio Apostólico: «Tomo parte de todo o coração na alegria do Ex.^{mo} Arcebispo de Braga, pela tomada de posse de V. Ex.^a da Sede Primacial» — Maximiano Furstenberg, Nuncio Apostólico.

As Armas de Fé do novo Arcebispo de Braga

(Continuação da 1.ª página)

sivas, elegantes e variadas, tomam por vezes a forma de um P e um X que, pela sua aparente semelhança com estas letras do nosso alfabeto, não raro são traduzidas, falsamente, pela palavra latina Pax. O uso das iniciais alfa e omega fundamenta-se numa passagem do Apocalipse (1, 8).

Em suma, resumindo, sendo Jesus o princípio e o fim de tudo, o novo Arcebispo põe n'Ele a sua esperança uma vez que, para mais, Cristo é a única Esperança do nosso tempo conturbado e batido por ventos furiosos de contradição (âncora terminal do Crismon); na sua humildade propõe-se trabalhar para honra e glória da Trindade Santíssima em cuja festa litúrgica recebeu a ordenação sacerdotal e quer que toda a sua vida seja como lâmpada (ardens et lucens).

É o que indica também, claramente, o campo de goles (vermelho) a cor berrante do sangue que é também a cor do poder soberano, semelhante à púrpura dos Cardeais, a cor dos mártires que deram a vida pela sua fé como é também a cor do fogo, o fogo ardente da caridade e do amor pela verdade que o novo Arcebispo se propõe servir denodadamente.

Note-se, a propósito, que a cor vermelha serve por exemplo, para representar o Apóstolo São João, evocando o seu amor místico a Jesus que se traduziu em amor pela acção em prol da verdade. Já na velha Grécia o vermelho era a cor do deus da guerra (Arès). É porque não significar também a guerra intemerata ao mal numa luta sem tréguas pela extensão do Reino de Deus, por Cristo única âncora de salvação para o nosso tempo tremendamente abalado por tantas forças do mal nestes tempos apocalípticos em que nos foi dado viver? Eis o que as *armas-de-fé* de D. Francisco Maria da Silva ficarão a proclamar, vida em fora.

Estas armas foram brasonadas e esboçadas pelo rev. Dr. Xavier Coutinho, Professor do Seminário Maior do Porto. É dele também a leitura heráldica.

O desenho foi confiado ao artista Gouveia Portuense.

Assina e anunciai 'O Vilaverdense'

Discurso-programa de Sua Ex.^{cia} Rev.^{ma}

Algumas notas

O mistério do Episcopado

— «Vede bem os bispos, cada um em sua Igreja».

São os pais, os esposos, o germen e a forma das suas Igrejas respectivas, como todo o episcopado representa a grande paternidade da Igreja universal e é como a sua forma.

O bispo está sempre na Igreja em lugar mais alto, a exemplo de Deus que também subiu para a transfiguração no Tabor e para o monte no Calvário. Mais alto para ver melhor, mais alto para dar mais luz, mais alto para ter mais honras, mais alto para sofrer mais. Mas esta elevação, que é, ao mesmo tempo, um direito e um dever, uma honra e um holocausto, obriga-o mais estritamente a responder pelo seu ministério, o das contas do seu episcopado ao Bispo eterno das almas.

O programa de acção do vosso novo bispo: — viver, orar, trabalhar, pensar, combater para que a Igreja bracarense continue a refulgir como noutras eras; e, se possível, entre as suas pares retome, no presente, o ardor missionário, e seja fiel à vocação ecuménica que, no passado, foi sua glória.

Os nossos Cireneus, os Sacerdotes

— No desempenho da sua árdua missão, conta o bispo com a oração sacerdotal dos seus presbíteros, que o tornam presente em toda a parte, no meio dos fiéis, através de dificuldades, sacrifícios e incompreensões sem conta. Alegrias e tristezas, triunfos e derrotas, aplausos e vitupérios, que constituem a traça das actividades apostólicas dos sacerdotes, refletem-se necessariamente na pessoa do Prelado que os tem como o seu prolongamento, a formar parte integrante e insubstituível do seu múnus pastoral. Com eles se alegra e rejubila, ou entristece e chora; com eles sofre as calúnias e as difamações, que almas sem fé e escrupulos se permitem atirar, em última análise, às vestes imaculadas da Esposa de Cristo, a Santa Igreja.

Com autoridade pode o Bispo advertir a comunidade cristã, repetindo as palavras das Páginas Sagradas: — Nolite tangere christos meos: não toqueis nos meus Ungidos, não vos deixeis

contaminar por esse turvo e satânico espírito de ódio que procura visar o Sacerdócio de Nosso Senhor Jesus Cristo, quando malsina intenções e emprega meios de ataque, inadmissíveis entre povos civilizados para denegrir a reputação dos ministros do Altar.

O povo de Deus

— Percorri as terras todas do Minho, sei como sente o povo, e do que precisa. O povo, o nosso bom e santo povo, a gente humilde, precisa tanto de pão como de Deus. A mim, bispo, compete tudo fazer, em primeiro lugar, para dar Deus ao povo, instruí-lo na religião, enriquecê-lo de bons costumes e inculcar-lhes na alma a graça do alto, que é fonte de paz e alegria.

Se de mim dependera, também nada lhe faltaria de quanto na ordem material se apresenta como necessário para o bem estar de todos.

Mas quando ao povo não faltar o pão, por viver já na abundância, terei ainda de lhe pregar, para ele ser feliz, a frase do Evangelho: — que vale ao homem ganhar o mundo inteiro se vier a perder a sua alma?

— Defendamos o povo, por amor do mesmo povo, de tantos males modernos.

— E' Deus que me envia, por Ele venho para vos pregar o Santo Evangelho.

— A Vossa felicidade será a minha felicidade.

— À Virgem Maria eu dedico e consagro o meu apostolado no meio de vós, seja Ela a estrela a guiar-me através das dificuldades que possam ericar-me o caminho, e possa eu ser sempre filho dócil e servo fiel de tão bondosa Mãe, de tão potente Senhora.

— Oh, intercede por todos, pelos Sacerdotes e pelos simples fiéis, pelos que sofrem e pelos que mourejam, pelos infelizes que não têm fé, pelos abastados e pelos pobres, por todos aqueles que carecem de amparo e suspiram na adversidade.

— Com Jesus e Maria, non confundar in aeternum...

A repartição do Registo Civil de Vila Verde não está a servir o público

No penúltimo número deste jornal «O Vilaverdense», fizemos um apelo ao senhor Ministro da Justiça, chamando-lhe a atenção para a situação deveras lamentável em

Com Deus um Mundo Novo

(Continuação da 1.ª página)

Para estas iniciativas convida todos os jovens católicos e todos os jovens de boa vontade, esperando que queiram reflectir e actuar com ela, de forma a satisfazer os impulsos de unidade que importa estabelecer entre todos os homens.

Os jovens do meio agrícola estudarão os problemas a eles directamente ligados, as suas necessidades e aspirações, num contributo para a promoção da gente dos campos. Os jovens das fábricas e oficinas debruçar-se-ão sobre toda a problemática do mundo operário, em ordem ao reconhecimento dos seus direitos e aspirações e deveres sociais. Os estudantes empenhar-se-ão na construção duma comunidade escolar autêntica. Os jovens considerados do meio independente inclinar-se-ão pela sua maneira de estar no mundo e se ela corresponderá ou não às aptidões com que são dotados.

Todos os problemas concernentes à Juventude serão estudados e debatidos ao nível local, regional, diocesano e nacional, no sentido de se lhe procurar dar uma solução prática.

A Acção Católica Juvenil está segura de assim poder corresponder aos anseios mais fundos da nossa juventude e dar testemunho, à medida da época em que vivemos, das necessidades da Igreja neste tempo de Concílio e das exigências da comunidade nacional.

que se encontra a Repartição do Registo Civil de Vila Verde para servir o público.

Num Concelho de 40.000 habitantes, em serviços que não admitem delongas, complicado, dois funcionários foram para a reforma, ficando só ao serviço o senhor Conservador, que, por mais que tentasse, não conseguia atender o inúmero trabalho.

O público aglomera-se e não consegue ser atendido, na maioria dos casos, senão depois de ter vindo uma e outra vez.

Foi feita nomeação para um dos lugares, mas o de ajudante de Conservador ainda está a seguir os trâmites da burocracia. Não importa que o povo espere. O povo paga, grama e espera, para que se cumpram os sagrados princípios do assim é que é.

O funcionalismo todo desta repartição a trabalhar tem que fazer e de queimar as pestanas fora de horas. Era preciso ser aumentado, quanto mais em regime de espera de nomeação. Fez-se alguma coisa, mas muito pouco.

Se não fossem os graves prejuízos que o público está a sofrer, havendo protestos por toda a parte, não teríamos voltado à carga.

Parece que há vontade de estabelecer o descontentamento do povo com os serviços públicos.

De quem é a culpa?

Os Problemas da Educação

(Continuação da 1.ª página)

O deputado comendador António Maria Santos da Cunha, que tão bem sabe defender os interesses de Braga e é um dos maiores líderes na defesa dos princípios cristãos, sabendo representar a região mais católica de Portugal, pôs a questão no seu devido pé.

O Estado não só não auxilia o ensino particular, mas onera-o gravemente, chegando ao ponto de contribuir os internatos como indústria hoteleira.

Defendeu sobretudo os direitos do ensino contra os princípios de totalitarismo estaduais. O ensino é da família, da Igreja e do Estado. Pertence à família por direito natural; à Igreja por direito divino; ao Estado como complementar e auxiliar das duas primeiras entidades, nas suas insuficiências.

Demonstrou as grandes vantagens que o ensino nacional teria, se fosse auxiliado o ensino particular, especialmente o da Igreja Católica, bem apetrechada de professorado e em condições de construir edifícios para os diversos graus de ensino, desde que o Estado auxiliasse.

Bem procedeu o nosso deputado em trazer esta questão à luz do dia, enquanto os meios católicos e mesmo a sua Imprensa, latejam num cómodo mutismo sobre as principais questões dos direitos inalienáveis da Igreja, por que os Bispos, os católicos do mundo inteiro tanto têm lutado. Caímos, não sabemos por quê, numa indiferença pelos direitos essenciais da Igreja.

A Concordata entre a Igreja e o Estado Português, já de 1940, no seu artigo 20, diz: «As associações e organizações da Igreja podem livremente estabelecer e manter escolas particulares paralelas às do Estado, ficando sujeitas, nos termos do direito comum, à fiscalização deste e podendo, nos mesmos termos, ser subsidiadas e oficializadas...».

Ora, apesar de passados mais de vinte e três anos, as escolas particulares da Igreja não têm o direito de «paralelas» às do Estado, não são subsidiadas nem oficializadas, mas sim fiscalizadas mais do que as do Estado e oneradas com fortes tributações.

São direitos que se lesam às famílias católicas da Nação Católica, de escolherem os melhores meios para a educação dos seus filhos. Pagam as suas contribuições ao Estado, e este destina a parte referente ao ensino só para as suas escolas, cujo laicismo é coberto pela capa duma aula de moral.

Exactamente daqui vem uma grande parte do atraso do nosso ensino perante as nações da Europa, onde ocupamos os últimos lugares. Para um Estado ser totalitário, tem de ser muito rico, porque terá de prescindir da iniciativa e colaboração particular.

Assim o Estado tem construído muitos edifícios de Liceus, Escolas Técnicas, Primárias, etc.; e quantos mais faz, as necessidades aumentam, verificando-se uma inegável insuficiência. Já não falamos da insuficiência de métodos, por falta de estímulo do ensino particular, bem forte e verdadeiramente «paralelo» ao do Estado.

Não há dúvida de que o nosso ensino, também em métodos, anda pela rua da amargura. Isso se deduziu pelo que foi afirmado na discussão do Aviso Prévio.

E' ver que, noutros países da Europa, como a França, Alemanha, Inglaterra, a Espanha e noutros países de maioria protestante, o ensino católico é oficializado verdadeiramente «paralelo» ao do Estado, por ele eficazmente subsidiado.

Assim, aí, a Igreja possui muitas centenas de escolas primárias, secundárias e universitárias, que auxiliam o Estado, em renovação e estímulo de métodos, e materialmente, a resolver o grande problema do ensino que é fundamentalmente educacional. Como pode o Estado arrogar-se a ser o quase total elemento educacional na Nação? Sujeita-se a sofrer desaires, como os do seu totalitarismo na Assistência.

«O Vilaverdense»

Encontra-se à venda
Em Prado: — Na residência paroquial, onde se tratam todos os assuntos referentes à sua Administração e Redacção
Em Vila Verde: — Na Livraria Rainha.
Em Braga: — Na Livraria Central — Avenida Marechal Gomes da Costa

Que somatórios de prejuízos morais, sociais, religiosas e materiais tem colhido o Estado Português com a sua riqueza na eficiência do ensino... Os resultados fatais estão à vista. Quantas elites bem formadas poderiam sair das escolas da Igreja. Não se julgue que basta a aula de ensino moral nas escolas. Quem semeia ventos há de colher tempestades, como as que já se têm verificado nos últimos anos, numa juventude universitária desorientada, facilmente a vergar-se aos ventos da esquerda.

Oxalá que, na próxima reforma do ensino, este problema seja bem equacionado, para salvaguarda dos direitos sagrados da Nação.

Parabéns ao nosso deputado Santos da Cunha, porque mostra tempera de bom nacionalista — como dos melhores — bem firmado nos princípios católicos, nos direitos inalienáveis dessa Igreja que outrora fez grande esta Nação e criou um Portugal. São tão poucos os que ainda conhecem e defendem a sã doutrina; e não admira, quando mesmo a Imprensa que se diz católica, tão poucas vezes, e mesmo nas oportunidades, se esquece ou se acobarda de defender. Isto não é clericalismo, mas defesa dos interesses fundamentais da Nação, onde só se fala da alta acção da Igreja, quando troveja.

Padre Manuel Gonçalves Diogo

Futebol em Vila Verde

No dia 2 de Fevereiro, no Campo do Bom-Retiro, O Vilaverdense Futebol Clube venceu o Santa Maria Futebol Clube de Barcelos por 4 a 1

Assembleia Geral da Caixa do Crédito Agrícola do Concelho de Vila Verde

(Continuação da 1.ª página)

Verificou-se que a Caixa tem boa estabilidade e tem sido muito bem administrada. O edifício da sua sede, que custou mais de cem contos, está no relatório no valor de um escudo; tem de fundos de capital social cerca de trezentos contos.

Contudo, devido às dificuldades que lhe são impostas superiormente os empréstimos baixaram em muitas centenas de contos.

Apesar da legislação que foi promulgada, dizendo que ia ser facilitado o crédito agrícola, o que é certo é o lavrador fugir para os empréstimos da agiotagem, por dificuldades de burocracia de registos na Conservatória e dos princípios em que são concedidos tais empréstimos.

Foram eleitos os senhores: Assembleia Geral — Padre Alfredo Pimentel Soares Nogueira; José Manuel dos Santos e Francisco da Costa Matos. Direcção — Capitão Abel Soares Nogueira, Domingos José Veloso e António Julião da Silva. Substitutos — António Fernandes do Lago, José Luciano de Sousa e José Gomes dos Santos Soares.

Conselho Fiscal — Padre Manuel Gonçalves Diogo, António Joaquim Fernandes Ribeiro e Constantino Soares de Faria.